

CUIDAR DE QUEM CUIDA: A ESCUTA-DE-SI COMO DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DE CUIDADO NA FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PERMANENTE DE TRABALHADORAS/ES DA SAÚDE

A provocação que despertou a minha atenção e meu desejo pela pesquisa que começarei a desenhar neste projeto veio de uma conversa com Paula Cerqueira, no meu primeiro dia de aula na linha de pesquisa em Micropolítica do Cuidado e Trabalho em Saúde do Programa Eicos, no qual estou concluindo o mestrado. Sendo meu principal foco de investigação a escuta – sensível, profunda, empática - como dispositivo de potencial produção de cuidado, me tocou profundamente ouvir dela a narrativa de como os alunos da residência em psiquiatria que ela acompanha se encontravam adoecidos, entristecidos, despotencializados. Em conversas posteriores com outras pessoas que fazem parte do corpo docente da Faculdade de Medicina da UFRJ de Macaé, ouvi narrativas semelhantes, inclusive envolvendo casos de suicídio entre os alunos das graduações em Medicina e Farmácia. Outras vivências com trabalhadoras da rede de cuidado em saúde coletiva me colocaram em contato com a escassez, percebida por elas, de espaços nos quais as trabalhadoras sejam “escutadas como se fossem gente” (nas palavras de uma assistente social).

Comentar sobre uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas entre estudantes e profissionais da saúde.

O mal-estar na produção do cuidado: muitas vezes nos coloca frente a frente com nossa impotência, a falta de recursos e condições externas, de apoio institucional, a falta de tempo, os dissensos entre as equipes, a “não-colaboração” das pessoas usuárias, etc.

Como nos tornarmos inventores de recursos? Inventar redes mesmo em situações precárias. Trabalho vivo em ato é o melhor recurso que temos no campo do cuidado (saúde e educação). Como ativá-lo? Re-existir e não desistir: apoio coletivo, escuta coletiva.

Preciado afirma, no prefácio do livro *Esfemas da Insurreição*, de Suely Rolnik (2018), a importância da “gestão coletiva e criativa do mal-estar para permitir a germinação de outros mundos” (p.17). Aponta ainda a importância de compreendermos a natureza micropolítica do mal-estar que nos habita, mal-estar esse advindo da ruptura com os modos de ser predominantes no que Rolnik chama de subjetividade colonial-capitalística, e de o sustentarmos, a fim de podermos inventar estratégias coletivas de fuga, para que possamos transver e transfigurar estes modos na direção de outras formas de existência.

É preciso apoio para sustentar o desconforto do conflito

Comentar sobre a psiquiatria/medicina na perspectiva que Preciado traz no mesmo prefácio, aprofundar a partir dos ensaios da Suely.

Escuta-de-si como dispositivo de produção de cuidado-de-si (Foucault); cuidado-de-si como posição ético-estético-política: sempre é coletivo, na visão de Deleuze e Guattari.

Força-fraca interferente como possibilidade de interferência no campo da escuta. Experiência da Intervisão/Entrevisão como possível modelo de interferência – descrever.

Empatia como foco de ação, corpo sensível, poroso e atravessável pelos afetos resultantes da escuta do outro que procura ajuda.

Buber, Lèvinas, Butler: não-violência como fundamentação da escuta empática.

Narrativas como estratégia metodológica; cartografia como percurso de pesquisa. Memória não é lembrança, é produção de si na existência, agenciamento de novas possibilidades em cada uma de nós. - Tenda do Conto/ Trama de Histórias como oferta na caixa de ferramentas (escrever sobre os processos que já foram realizados).